



LEITURAS DE NARRATIVAS AUDIOVISUAIS NA EDUCAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DO GÊNERO FEMININO NA INFÂNCIA

Analice Dutra Pillar¹

READING AUDIOVISUAL NARRATIVES IN EDUCATION
AND THE CONSTITUTION OF THE FEMALE GENDER IN CHILDHOOD

LECTURA DE NARRATIVAS AUDIOVISUALES EN EDUCACIÓN
Y LA CONSTITUCIÓN DEL GÉNERO FEMENINO EN LA INFANCIA

¹ Professora da UFRGS. Pesquisadora do CNPq. Coordenadora do GEARTE. Editora da Revista GEARTE. Link CV: <http://lattes.cnpq.br/0033345213407184>.
ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2143-3406> E-mail: analicedpillar@gmail.com.

RESUMO

Este texto é parte de reflexões realizadas em anos de pesquisas sobre leituras de produções audiovisuais² em que procuramos elaborar uma proposta de leitura audiovisual para a educação a partir dos estudos sobre leitura de imagens de Barbosa, Acaso, Efland, Freedman, Stuhr, Hernández e com os aportes da semiótica discursiva, em especial os estudos de Landowski, Médola, Fachine, Hernandes, Teixeira, Ramalho e Oliveira sobre apreensão de efeitos de sentido em criações visuais e sincréticas. Tais estudos proporcionaram subsídios teóricos e metodológicos para compreender os sentidos que os procedimentos que articulam as diferentes linguagens nestas produções possibilitam. Em nossas pesquisas procuramos construir uma proposta de leitura audiovisual para a educação e realizá-la em diferentes contextos e níveis de ensino, seja na educação infantil, no ensino fundamental, no ensino superior, de modo a aprimorá-la. Apresentaremos, a seguir, alguns princípios da proposta de leitura através da análise do filme publicitário *Coleção Era uma vez...Outono/Inverno 2014 Gabriela Aquarela*, com foco nos efeitos de sentido que os procedimentos de montagem criam e nas significações que um grupo de estudantes universitários de um curso de formação de professores fez dessa criação. Nessa publicidade discutimos como aborda a constituição do gênero feminino na infância, com base nos estudos de Scott, Felipe, Meyer e Soares. Os resultados apontam algumas rotas para análise de produções audiovisuais na educação.

Palavras-chave: Ensino de artes visuais. Leitura audiovisual. Gênero feminino. Infância. Mídia.

2 Este artigo faz parte da pesquisa “Leituras da visualidade: análise de macro e micro-narrativas audiovisuais em contextos educativos” (*Bolsa PQ-2, processo 310965/2014-4*) que envolveu a análise de quatro produções audiovisuais: *Coleção Era uma vez... Outono/Inverno 2014 Gabriela Aquarela; Barquinhos — Tatajuba, Ceará* (a leitura desta produção foi objeto de PILLAR; REGINATO, 2018 e 2019); *Ariel na Índia*; e *Anima2* (esta produção foi analisada em PILLAR; CAMPOS, 2021).

ABSTRACT

This text is part of reflections carried out in years of research on reading audiovisual productions in which we sought to develop a proposal for audiovisual reading for education based on studies on reading images by Barbosa, Acaso, Efland, Freedman, Stuhr, Hernández and with the contributions of discursive semiotics, especially the studies of Landowski, Médola, Fachine, Hernandes, Teixeira, Ramalho e Oliveira on the apprehension of meaning effects in visual and syncretic creations. Such studies provided theoretical and methodological support to understand the meanings that the procedures that articulate the different languages in these productions make possible. In our research we seek to build an audiovisual reading proposal for education and carry it out in different contexts and levels of education, whether in early childhood education, primary education, higher education, in order to improve it. We will present, below, some principles of the reading proposal through the analysis of the advertising film *Coleção Era uma vez... Autumn/Winter 2014 Gabriela Aquarela*, focusing on the effects of meaning that the editing procedures create and the meanings that a group of university students from a teacher training course made of this creation. In this advertisement we discuss how the constitution of the female gender in childhood is addressed, based on studies by Scott, Felipe, Meyer and Soares. The results point to some routes for analyzing audiovisual productions in education.

Keywords: Visual art education. Audiovisual reading. Female gender. Childhood. Media.

RESUMEN

Este texto forma parte de reflexiones realizadas en años de investigación sobre lectura de producciones audiovisuales en los que buscamos desarrollar una propuesta de lectura audiovisual para educación a partir de estudios sobre lectura de imágenes de Barbosa, Acaso, Efland, Freedman, Stühr, Hernández y con los aportes de la semiótica discursiva, especialmente los estudios de Landowski, Médola, Fachine, Hernandes, Teixeira, Ramalho e Oliveira sobre la aprehensión de efectos de sentido en las creaciones visuales y sincréticas. Dichos estudios brindaron apoyo teórico y metodológico para comprender los significados que posibilitan los procedimientos que articulan los diferentes lenguajes en estas producciones. En nuestra investigación buscamos construir una propuesta de lectura audiovisual para la educación y llevarla a cabo en diferentes contextos y niveles educativos, ya sea en educación infantil, educación primaria, educación superior, con el fin de mejorarla. Presentaremos, a continuación, algunos principios de la propuesta de lectura a través del análisis de la película publicitaria *Coleção Era uma vez... Otoño/Invierno 2014 Gabriela Aquarela*, centrándonos en los efectos de sentido que crean los procedimientos de montaje y los significados que un grupo de estudiantes universitarios de un curso de formación docente hicieron de esta creación. En esta película discutimos cómo se aborda la constitución del género femenino en la infancia, a partir de estudios de Scott, Felipe, Meyer y Soares. Los resultados señalan algunas rutas para analizar las producciones audiovisuales en educación.

Palabras clave: Educación Artística. Lectura audiovisual. Género femenino. Infancia. Medios de comunicación.

Introdução: leituras de narrativas audiovisuais

As narrativas audiovisuais estão muito presentes em nosso cotidiano e, mesmo sem perceber, fazemos leituras dessas produções. A apreensão de sentidos nessas narrativas envolve conhecer como as linguagens visual e sonora se articulam para produzir o efeito audiovisual, identificar as relações entre seus elementos, desde o olhar de um sujeito imerso numa cultura, num certo tempo e lugar. Importa, então, desconstruir o objeto a ser analisado identificando tanto suas qualidades sensíveis quanto seus significados e reconstruí-lo para entender como as relações entre suas qualidades expressivas e discursivas significam.

A leitura audiovisual é um modo de compreender o que e como essas narrativas mostram. Para desenvolver uma proposta de leitura audiovisual nos baseamos nos aportes teóricos e metodológicos do ensino de artes visuais, da cultura visual e da semiótica discursiva. No ensino de artes visuais autores como Ana Mae Barbosa (1991, 1998, 2009, 2010), María Acaso (2006, 2009a, 2009b), Arthur Efland, Kerry Freedman e Patricia Stuhr (2003) têm discutido a importância de uma leitura crítica de produções visuais e audiovisuais na educação, problematizando os tipos de narrativas que apresentamos aos estudantes. Os autores destacam que, na escolha dessas produções, é preciso contemplar a diversidade de contextos e de discursos.

No contexto brasileiro, a denominação *leitura de imagens* passou a fazer parte do ensino de artes visuais na escola, de modo sistemático, a partir do final da década de 1980, com a criação da Abordagem Triangular por Ana Mae Barbosa (1991, 1998, 2009, 2010), que ressalta a importância de o ensino da arte envolver a criação artística, a leitura de imagens e a contextualização. Nessa concepção, a palavra *imagens* abriga, em sua amplitude, não só criações da arte, mas também produções da mídia, objetos cotidianos, lugares, pessoas, enfim tudo que percebemos visualmente. A autora menciona diversos modos de leitura visual, os quais se baseiam em diferentes teorias.

Arthur Efland, Kerry Freedman e Patricia Stuhr (2003) destacam que é preciso incluir a arte contemporânea, o multiculturalismo e a cultura visual para que o ensino da arte dialogue com as inquietações atuais. Os autores referem que o ensino da arte pós-moderno recusa os “grandes relatos ou metarrelatos” e focaliza os “pequenos relatos”, as visões de grupos considerados menores; problematiza as relações poder-saber; busca desconstruir as produções considerando que há diversas interpretações das formas culturais; analisa a dupla codificação criada pela mescla de informações visuais de diferentes contextos.

María Acaso (2006, 2009a, 2009b), ao observar o tipo de narrativa que as produções visuais e audiovisuais engendram, diz que podemos considerá-las como macronarrativas ou micronarrativas. As macronarrativas abrangem o conjunto de criações que procura estabelecer modelos, levando as pessoas a realizarem determinadas ações, a seguirem determinados padrões. Já as micronarrativas dizem respeito a produções que se opõem a modelos e nos fazem refletir sobre nossa visão de mundo, propiciam um olhar crítico acerca do que apresentam. A autora propõe um Método de Leitura das Imagens que nos Rodeiam (MELIR), no qual sugere: aumentar o tempo de contemplação das imagens; dissecar as diferentes partes que compõem a imagem; classificar o produto visual quanto ao suporte e à sua função; considerar o contexto em que ela está inserida; analisar as mensagens manifesta e latente.

Os estudos da cultura visual (Freedman, Hernández) procuram analisar as narrativas visuais e audiovisuais problematizando as inter-relações entre as representações de classe social, gênero, raça, etnia e as construções identitárias para examinar as posições discursivas e as relações de poder que engendram. Freedman (2006, p. 2) ressalta que “as pessoas se apropriam das características das representações visuais adotando tais representações como descrições de si mesmas”. Hernández (2005, p. 9) observa que “a cultura visual como conceito e como campo de estudos oferece uma série de marcos teóricos e metodológicos para repensar o

papel das representações visuais do presente e do passado e os pontos de vista dos sujeitos”.

A teoria semiótica discursiva, ao tomar como objeto de estudo tanto manifestações que apresentam significações estabelecidas culturalmente quanto manifestações que fazem sentido sensivelmente, busca entender como apreendemos os efeitos de sentido de objetos quaisquer descrevendo e analisando as relações entre os elementos que os constituem, o que elas nos dizem e como elas se organizam. Eric Landowski, em desdobramento aos estudos de Greimas, tem investigado o que estamos denominando leitura como produção e apreensão de efeitos de sentido através dos regimes de interação que permeiam nossas relações cotidianas com as pessoas e os objetos. Landowski (2009) ressalta que o sentido não é uma substância que habita os objetos e se oferece na imediaticidade de sua presença, nem está fixado numa grade cultural de reconhecimento dos objetos, mas é uma construção do sujeito em interação com os objetos. O sentido é, portanto, uma criação de cada sujeito, com seus interesses e informações, em diálogo com o que está posto nos objetos e com o contexto que o acolhe.

A respeito das produções audiovisuais, autores como Médola (2000, 2002, 2003), Ramalho e Oliveira (2018, 2005), Hernandez (2005), Fechine (2009) e Teixeira (2004) têm propiciado subsídios teórico-metodológicos para compreender os procedimentos que articulam os sistemas visual e sonoro constituindo o discurso audiovisual. Ao discutir as diferentes linguagens e suas articulações no texto audiovisual, Ana Silvia Médola (2000, p. 202) observa que “no registro televisual tanto o som quanto a imagem oferecem possibilidades de abrigar várias linguagens simultaneamente”. No sistema visual podemos identificar várias linguagens como a verbal escrita, a imagética, a cenográfica, a gestual e a moda; e no sistema sonoro, as linguagens da música, o verbal oral e os ruídos. Interessa, então, considerar como as diversas linguagens se vinculam para produzir efeitos de sentido.

Sandra Ramalho e Oliveira (2018, 2005) destaca a importância de estudar textos visuais, analisando como seus elementos se entrelaçam para produzir significados. Em seu livro *Imagem também se lê* (2005), a autora, através de diferentes objetos da arte, da mídia e do cotidiano, busca explicitar os pressupostos da teoria semiótica para apreensão de efeitos de sentido. Sandra propõe uma leitura visual a partir das qualidades sensíveis da imagem para depois relacionar com seus conteúdos.

Nilton Hernandez (2005, p. 228) observa que nas produções audiovisuais as “tomadas de câmera, sons, músicas, iluminação, cenários, figurinos entre muitos outros elementos possíveis, constroem um todo de significação”. O autor (2005, p. 228) menciona os efeitos de sentido que estes dispositivos provocam e observa que “a ideia de efeito implica verificar que os sentidos foram construídos, ou seja, pensados para causarem certas impressões e redundarem em determinados atos”. Desse modo, ao analisarmos as significações em uma narrativa audiovisual, importa considerar as relações entre as diversas linguagens.

Fechine (2009) afirma que numa produção audiovisual, a construção que relaciona o visual e o sonoro confunde-se com os processos de montagem, os quais envolvem diferentes estratégias. Na constituição do efeito audiovisual, a autora considera o ritmo como um elemento chave e procura descrever os modos como ele se manifesta nos sistemas visual e sonoro.

Ao estudar o modo de produção de sentido na relação entre o verbal e o não-verbal, Lucia Teixeira (2004) destaca a oposição entre reiteração e contraponto. A reiteração diz respeito a repetição de procedimentos para criar um efeito de redundância, o qual não é mera repetição, mas acúmulo, adensamento de sentidos e pode causar sínteses e discordâncias, inserir nuances ou correções. E “o contraponto supõe a simultaneidade de contraste e identidade (...) podendo variar numa escala que vai do máximo de identidade ao máximo de contraste” (Teixeira, 2004, p.8). Assim, “pensar em contraponto e reiteração significa, portanto, incluir a

intensidade e a gradação na teorização sobre o modo de produção do sentido” (Teixeira, 2004, p.8).

A respeito do modo de apreensão sensível de uma produção audiovisual, Chion (1993, p. 10) observa que “na combinação audiovisual, uma percepção influencia a outra e a transforma: não se ‘vê’ o mesmo quando se escuta; não se ‘escuta’ o mesmo quando se vê.” Em uma produção audiovisual, o som agrega um sentido à imagem e nos faz ver o que sem ele não teríamos visto ou veríamos de outro modo. Da mesma forma, a imagem nos faz ouvir o som de modo distinto do que ouviríamos fora de um contexto imagético. Tais influências mútuas ocorrem através das articulações criadas entre as duas linguagens, de um contrato audiovisual, uma relação que cria a ilusão audiovisual. E Chion chama de audiovisão essa atitude perceptiva específica que filmes, vídeos e meios audiovisuais suscitam.

No entanto, as percepções sonora e visual têm, cada uma, seu ritmo. Numa produção audiovisual, o ritmo sonoro pode combinar com o ritmo visual ou criar contrapontos. Conforme Chion (1993, p. 21), “o som pode realçar uma imagem segundo introduza pontos de sincronização mais ou menos previsíveis ou imprevisíveis, variados ou monótonos.” A sincronização entre o ritmo sonoro e o ritmo visual é um poderoso fator de inscrição em um tempo real. E o autor refere, ainda, que um mesmo som, em contextos dramáticos e visuais distintos, tem significados diferentes, pois para o espectador mais que o realismo acústico, é o critério de sincronismo e, secundariamente de verossimilitude global (não como verdade, mas como convenção), o que levará a superpor um som a uma sucessão ou um fenômeno.

O ritmo pode ser percebido através de repetições, sequências alternadas e contrastes. De acordo com Scóz e Ramalho e Oliveira (2010) podemos ter ritmos regulares e irregulares, acelerados e lentos, assim como modulações. O ritmo, conforme os autores (2010, p. 85),

“articula unidades discretas da expressão em significantes que operam a partir das relações estabelecidas, e tais articulações ditas ‘rítmicas’ pressupõem, em última análise, uma intencionalidade, uma ordem, uma estrutura”. Assim, são as conexões entre as diversas linguagem através da montagem, que estabelecerá o ritmo formal da narrativa, articulando tempo e espaço.

De acordo com Fachine (2009), todas as categorias dos ritmos visual e sonoro são homologáveis entre si e é da correspondência entre elas que surge o “efeito audiovisual”, que está na base do enunciado sincrético. A autora observa, ainda, que as relações entre os diferentes elementos da montagem podem ser estabelecidas, em termos gerais, por consonância ou dissonância entre categorias, isto é, quando as categorias expressivas forem as mesmas, existe uma correspondência por consonância e, ao contrário, quando forem opostas serão dissonantes. Estas manifestações, baseadas em complementaridades ou contrastes visual e musical, determinam a produção de um “efeito audiovisual”, a partir do qual se produz uma sensorialidade rítmica (efeitos globais de aceleração e desaceleração, tensão e relaxamento, harmonia e desarmonia, entre outros) e uma disposição tímica (disposição afetiva positiva ou negativa produzida pela montagem). Tais efeitos participam da construção de uma dimensão mais sensível do sentido.

Fachine (2009) observa, também, que as correspondências consonantes ou dissonantes estão ligadas a efeitos de agradabilidade e desagradabilidade (sincronia e assincronia) e que o conteúdo no audiovisual se articula tanto pela reiteração, através de repetições e recorrências, quanto pela redundância. As reiterações procuram enfatizar um mesmo conteúdo ao repeti-lo em diferentes linguagens. Já as redundâncias produzem efeitos de sentidos pelo excesso, criam sínteses e antagonismos.

Em relação às articulações das qualidades sensíveis das diferentes linguagens no audiovisual, a autora menciona que a primeira preocupa-

ção é com a construção da sucessividade visual, com as articulações dos planos em cada quadro e entre os diferentes quadros. As articulações entre o que se vê e o que se ouve criam um efeito audiovisual, com coincidência temporal ou não entre imagem e som, o que provoca sensações seja de coerência em relação ao percebido ou de estranhamento. Conforme Fachine (2009, p. 348) é o ritmo, como propriedade comum ao vídeo (movimento visual) e ao áudio (tempo sonoro), que vai fazer as “suturas audiovisuais”. E com isso, uma linguagem acaba por contagiar a outra, por convocar a outra.

Fachine (2009) classifica o ritmo no vídeo e no áudio a partir das categorias de duração, combinação e frequência. A duração pode ser identificada pela intensidade (no vídeo — planos curtos e movimentados; no áudio — maior pulsação e intervalos menores) e pela extensividade (no vídeo — planos longos e demorados; no áudio — menor pulsação e intervalos maiores). A frequência refere-se às regularidades e às irregularidades na organização dos elementos visuais e sonoros podendo ser identificada pela descontinuidade (no vídeo — planos fragmentados; no áudio — mudanças mais bruscas ou frequentes) e pela continuidade (no vídeo — planos longos, parte de enquadramentos mais abertos aos mais fechados; no áudio — maior regularidade no andamento e na duração dos compassos). E a combinação está relacionada ao modo como as formas sonoras e visuais são combinadas no tempo podendo ser identificada pela acumulação (simultaneidade de imagens no vídeo; multiplicidade de elementos sonoros simultâneos) e pela segmentação (no vídeo — planos sucessivos; no áudio — sons em sequência com pouca variedade de elementos sonoros). O ritmo audiovisual de uma produção se configura, segundo a autora, em uma propriedade expressiva que convoca as duas ordens sensoriais (visão e audição).

Com basenesses pressupostos apresentaremos, a seguir, alguns

princípios da proposta de leitura audiovisual³ através da análise do filme publicitário *Coleção Era uma vez...Outono/Inverno 2014 Gabriela Aquarela*, que exhibe uma grife de moda festa para meninas; e das significações que um grupo de estudantes universitários de um curso de formação de professores fez dessa criação. A proposta de análise de narrativas audiovisuais consiste em: (1) estender o tempo de apreensão de uma produção audiovisual; (2) dissecar os diferentes elementos que a compõem e relacioná-los; (3) considerar o contexto em que está inserida; (4) procurar apreender os efeitos de sentido que suscita. Na análise, o foco estará nos efeitos de sentido que as estratégias de montagem criam ao instaurar o discurso audiovisual e na constituição do gênero feminino apresentada nessa produção.

Coleção Era uma vez Outono /Inverno 2014 Gabriela Aquarela

O filme *Coleção Era uma vez Outono /Inverno 2014 Gabriela Aquarela*⁴, com 2 minutos e 29 segundos, foi veiculado pela primeira vez em 22 de janeiro de 2014 e que pode ser visto no YouTube. Trata-se de uma publicidade da grife de moda infantil *Gabriela Aquarela*⁵ para apresentar

3 Ver mais informações em Pillar (2017, 2014, 2013).

4 Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=RusxiQEW41g>> Acesso em: 10 out. 2023

5 A grife *Gabriela Aquarela* “nasceu em 1995, com a missão de produzir moda com beleza que encanta e valoriza a infância. Aqui, produzimos mais que moda, produzimos sonhos... (...) Uma moda única que transforma a criança em princesa, o sonho em realidade.” A marca possui várias linhas de roupas para meninas: linha baby, linha mini, linha kids, linha teens e linha deluxe. Essa última é assim apresentada: “com muito luxo e sofisticação a Gabriela Aquarela Deluxe veste a princesa para o seu momento de maior glamour. Delicada e rica em detalhes, as linhas e os pontos enlaçam as pérolas e os bordados cada vez mais encantadores. Para o momento especial digno da realeza.” Há referências recorrentes ao mundo das lindas princesas que vestem e se encantam com os produtos da marca. Informações disponíveis em <http://gabrielaaquarela.com.br>. Acesso em: 15 mar. 2018. Formada por três empre-

sua coleção outono/inverno intitulada “Era uma vez...”. Segundo o blog de divulgação da marca⁶, o título remete a uma jornada pelo mundo dos contos de fadas inspirada em três personagens principais das histórias infantis: princesas, fadas e feiticeiras. Num cenário que figurativiza um castelo, com música francesa como trilha sonora e meninas que desfilam roupas de festa. Conforme publicação da marca na rede social Facebook, “os looks buscam a leveza de uma princesa e o glamour da realeza”.

O título Era uma vez remete diretamente aos contos de fadas, que, em geral, começam com este convite ao leitor para ingressar, através de indicadores temporais e espaciais, em um outro universo. O filme tem como cenário uma casa no campo, num local alto. Nas primeiras cenas o leitor é convidado a olhar a paisagem que se avista da janela: flores, montanhas ao longe e uma paisagem campestre (conforme Fig. 1). Quando a câmera se afasta, podemos ver uma construção, que através do efeito de uma lente grande-angular, fica distorcida e suas laterais figurativizam torres de um castelo (Fig. 2).

Na cena seguinte uma menina aparece na porta da casa, como que convidando o espectador a entrar. A câmera aproxima e são mostrados detalhes da roupa que a menina veste: o tipo de tecido, os bordados com pedrarias, as fitas aveludadas. O foco vai então para o rosto, em close, da menina e depois para os sapatos dourados. A câmera se afasta e vemos uma menina loira com uma tiara dourada com pedras, com um vestido doutorado bordado com pedras, o qual tem uma gola de pele finalizada com uma fita. A menina usa luvas brancas, que deixam seus dedos a

sárias mineiras, a grife ganhou espaço no segmento de moda infantil graças à utilização de matérias-primas de primeira qualidade somadas ao trabalho de pesquisa em tendências de moda. A marca atende ao canal multimarca, com produção anual de 400 mil peças, e pode ser encontrada em mais de 700 pontos de venda do país. Informações disponíveis em: <https://www.epgrupo.com.br/gabriela-aquarela-patrocinada-concurso-mini-miss-brasil-2014/> Acesso em: 14 out. 2023.

⁶ Ver <https://carolhubert.blogspot.com/2014/03/era-uma-vez-inverno-da-gabriela.html> Acesso em: 13 out. 2023.



FIGURA 1.

Primeira cena do filme *Coleção Era uma vez Outono /Inverno 2014 Gabriela Aquarela*: vista da janela de uma casa de campo num lugar alto. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=RusxiQEW41g>>. Acesso em: 19 set. 2023.



FIGURA 2.

Cena do filme *Coleção Era uma vez Outono /Inverno 2014 Gabriela Aquarela*: construção que figurativiza um castelo. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=RusxiQEW41g>> Acesso em: 19 set. 2023.



FIGURA 3

Cena do filme *Coleção Era uma vez Outono /Inverno 2014 Gabriela Aquarela*: Menina reclinada no sofá. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=RusxiQEW41g>> Acesso em: 19 set. 2023.

mostra, e meia-calça clara. Ela está reclinada em um sofá com as pernas sobre o assento (Fig. 3).

Novamente há close nos detalhes da roupa e no rosto da menina. Depois vemos um outro ambiente com mobiliário clássico em estilo Luís XV em que a mesma menina da cena anterior aparece em pé ao lado de uma poltrona. O estilo Luís XV é um tipo de decoração de interiores diferenciado, que remete a um ambiente requintado, elegante e refinado com móveis clássicos artesanais de muito luxo, sofisticação e design. Essa ambientação visa agregar tais qualidades à grife Gabriela Aquarela e à coleção que está sendo exibida.

O lugar parece ter um pé direito alto e pela janela o vento faz com que as cortinas fiquem esvoaçantes (Fig. 4). As paredes são recobertas com papel de parede clássico com arabesco ramalhete em cores neutras. O desenho do papel de parede harmoniza com as cortinas em tecido translúcido com arabescos semelhantes. A iluminação dá ao filme o frescor da luz da manhã em algumas cenas e em outras, cria um clima de final da tarde com uma luz mais dourada.

Na sequência são mostradas outras meninas — numa estética da branquitude que se manifesta na escolha das roupas, acessórios, maquiagem e alisamento dos cabelos — com roupas de festa e são evidenciados os detalhes de suas roupas, luvas, bolsas, sapatos, enfeites de cabelo e o rosto de cada uma delas. O cenário, para dar maior veridicção ao luxo e requinte da coleção, é composto por lustres de cristal, penteadeiras com espelhos, mesa de chá com taças de fina porcelana e objetos prateados, grandes espelhos com molduras douradas (Fig. 5). O filme é todo em cores neutras que lhe conferem um tom clássico.

As poses das meninas nas cenas e os adereços utilizados, como as luvas longas e as tiaras com pedras, lembram os figurinos da personagem Holly Golightly, interpretada pela atriz Audrey Hepburn no filme *Bonequinha de Luxo (Breakfast at Tiffany's)*, como se pode ver nas figuras 6, 7 e 8, que seguem. Os figurinos criados por Hubert de Givenchy e



FIGURA 4.

Cena do filme *Coleção Era uma vez Outono /Inverno 2014 Gabriela Aquarela*: Menina em ambiente com mobiliário clássico. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=RusxiQEW41g>> Acesso em: 19 set. 2023.



FIGURA 5.

Cena do filme *Coleção Era uma vez Outono /Inverno 2014 Gabriela Aquarela*: Cenário luxuoso. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=RusxiQEW41g>> Acesso em: 19 set. 2023.

Edith Head ficaram famosos pelo estilo clássico e glamouroso que conferiram à personagem.

O filme *Coleção Era uma vez...Outono/Inverno 2014 Gabriela Aquarela* foi criado para divulgar e vender moda festa de luxo tendo como público-alvo as meninas e, em especial, suas mães. As imagens procuram mostrar as meninas como princesas.

No site do grupo⁷ é mencionado que “a grife *Gabriela Aquarela* é a patrocinadora oficial do principal concurso de beleza infantil do país: *Mini Miss Brasil 2014*.” O concurso, segundo o site, procurou “eleger a menina mais bela do país. No desfile de abertura, as representantes de 27 estados brasileiros irão usar os vestidos da grife da *Coleção Outono-Inverno 2014*. O concurso elege anualmente meninas de 4 a 10 anos que representam o país em eventos internacionais.”

Para preparar as meninas para serem princesas, em 2013, na cidade de Uberlândia (MG), foi fundada uma *Escola de Princesas*. Segundo sua criadora, a psicopedagoga Nathalia de Mesquita, a ideia veio de um sonho. “Numa noite eu tive um sonho que eu trabalhava numa escola de princesas, e eu achei aquilo maravilhoso, achei um lugar diferente, eu pensava: ‘se eu tivesse uma filha, era isso que eu gostaria de ensinar para ela.’”⁸ A escola surgiu em Uberlândia, mas alguns anos depois se expandiu para outras cidades de Minas Gerais, como Uberaba e Belo Horizonte, e iniciou o sistema de franquias inaugurando filiais nas cidades de São Paulo, Cuiabá, Manaus e Rio de Janeiro.

Conforme o site da instituição⁹, o curso tradicional promovido pela

7 Informações disponíveis em: <https://www.epgrupo.com.br/gabriela-aquarela-patrocina-concurso-mini-miss-brasil-2014/>. Acesso em: 15 out. 2023.

8 Informações disponíveis em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2016/10/escola-de-princesas-ensina-etiqueta-e-tarefas-domesticas-a-meninas-7785778.html>. Acesso em: 14 out. 2023.

9 Informações disponíveis em: <https://escoladeprincesas.net/ws/>, <<https://www.youtube.com/watch?v=W0Ls5CTEiWI>> e <http://emais.estadao.com.br/noticias/>



FIGURA 6.

Cena do filme *Coleção Era uma vez ... Outono /Inverno 2014 Gabriela Aquarela*: Meninas posando com roupa de festa, luvas e tiaras com pedras. Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=RusxiQEW41g>> Acesso em: 19 set. 2023.



FIGURA 7.

Cena do filme *Bonequinha de Luxo*: Figurino de Audrey Hepburn com luvas longas e tiara com pedras. Fonte: <https://cinemaclassico.com/figurinos/os-figurinos-bonequinha-de-luxo-1961/> Acesso em: 19 set. 2023.



FIGURA 8.

Cenas do filme *Bonequinha de Luxo*: Figurinos e poses de Audrey Hepburn. Fonte: <https://cinemaclassico.com/figurinos/os-figurinos-bonequinha-de-luxo-1961/> Acesso em: 19 set. 2023.

Escola de Princesas tem a duração de três meses e ensina a meninas de 4 a 15 anos os valores de uma princesa - como humildade, solidariedade e bondade -, como arrumar o cabelo e se maquiar até regras de etiqueta, de culinária e como organizar a casa. As aulas são ministradas por profissionais diversos, entre cabeleireiros, cozinheiras, nutricionistas e psicólogos.

A missão da Escola de Princesas é “oferecer serviços de excelência que propiciem experiências de natureza intelectual, comportamental e vivencial do dia a dia da realeza, para meninas com idade entre 4 e 15 anos que sonham em se tornar princesas e fazê-las resgatar a essência feminina que existe em seus corações.”¹⁰

Os Estudos de Gênero¹¹ evidenciam as construções culturais que indicam o que é ser mulher e o que é ser homem numa determinada sociedade; o quanto os comportamentos designados como femininos e como masculinos são moldados dentro de uma ótica binária; e as relações de poder que perpassam essas construções. Uma certa concepção do que é ser menina na sociedade ocidental envolve essa ideia de ser princesa (delicada, paciente, dócil), de se casar com um príncipe (forte, determinado, firme) e ter uma família. As meninas não nascem com tais ideias, elas apreendem ou são levadas a se identificarem com o que consideram “essência feminina” no convívio social.

[comportamento,escola-de-princesas-ensina-etiqueta-culinaria-e-organizacao-de-casa-a-meninas-de-4-a-15-anos,10000081544](https://www.escoladeprincesas.net/ws/). Acesso em: 10 maio 2023.

10 Informações disponíveis em: <https://escoladeprincesas.net/ws/>> Acesso em: 16 out. 2023

11 A esse respeito ver: SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, v.20, n. 2, p. 71-99, jun./dez. 1995. FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. *Proposições*, v. 18, n. 2, p. 77-87, maio/ago. 2007. MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

Na contramão da *Escola de Princesas* surgiu no Chile e depois em diversas cidades no Brasil *Oficinas de desprincesamento*¹² com o objetivo de promover uma reflexão sobre o papel da mulher na sociedade, sobre conceitos de beleza e felicidade femininas, desconstruindo o mito do amor romântico. O curso é voltado para meninas entre 9 e 15 anos e busca refletir sobre os papéis de gênero de uma maneira que elas possam entender, lembrando que nenhuma mulher precisa de um príncipe encantado para ser feliz. O primeiro curso foi proposto pela Oficina de Proteção dos Direitos da Infância (OPD) da cidade de Iquique (Chile), apoiada pelo Serviço Nacional de Menores. Desde 2004, o órgão promove oficinas mistas em que debate questões de gênero, porém, a Oficina de Desprincesamento nasceu de uma necessidade e urgência reais de empoderar as meninas desde cedo.

Em 2017, a versão gaúcha¹³ da Escola de Desprincesamento, com debates sobre igualdade de gênero para meninas, promoveu oficinas em diversas cidades do Rio Grande do Sul para mães e filhas de 4 a 9 anos e minicursos para meninas de 10 a 15 anos.

O filme *Coleção Era uma vez...Outuno/Inverno 2014 Gabriela Aquarela* mostra uma infância adultizada evidenciada no modo de vestir das meninas, no gestual, nas poses e na postura delas. As roupas vestem as meninas como adultos pequenos, não são apropriadas para brincarem, mas roupas formais. Poderíamos, então, classificar essa produção audiovisual como uma macronarrativa ao criar estereótipos de princesas e de infância.

Ao analisarmos esta produção, a partir dos pressupostos da semiótica

12 Informações disponíveis em <<http://www.hypeness.com.br/2016/03/curso-de-desprincesamento-esta-empoderando-meninas-no-chile/>> Acesso em: 5 set. 2023.

13 Conforme informações disponíveis em: [Oficina de desprincesamento no RS: impressões sobre o que é ser menina ou ser princesa | Donna \(clicrbs.com.br\)](#) [Desprincesamento: oficina propõe repensar as noções de gênero a garotas de nove a 15 anos | Donna \(clicrbs.com.br\)](#) Acesso em: 15 set.2023.

discursiva, da cultura visual e do ensino da arte, buscamos construir sentidos através do exame dos procedimentos que entrelaçam as linguagens visual e sonora. A sequência das imagens no vídeo ganha sentido pelo modo como foi organizada a montagem para construir um discurso. Valendo-se do movimento da câmera ao utilizar planos abertos, a fim de mostrar uma vista geral do espaço, e o recurso do Zoom para evidenciar detalhes (tecidos, bordados, sapatos, bolsas, luvas), o filme direciona, desse modo, o olhar do espectador para determinados pontos.

Outro aspecto observado foi a trilha sonora¹⁴ do filme, a qual é composta unicamente pela música “Place de la République”. A faixa, de autoria da pianista e compositora canadense Cœur de pirate (nome artístico de Béatrice Martin), foi lançada em 2011 no álbum *Blonde*. A canção confere uma atmosfera leve ao vídeo e se mostra eficiente em remeter quem assiste a uma ambientação dos contos de fadas ao começar com um piano de timbre limpo e brilhante enquanto as palavras “era uma vez...” aparecem na tela sobre uma paisagem montanhosa. A forma gradativa como os elementos musicais vão se apresentando — começa apenas com piano e voz, os outros instrumentos vão aparecendo na medida em que a peça vai se desenvolvendo — são responsáveis por essa leveza. A música confere, também, requinte e glamour à coleção ao associá-la a França. Vale lembrar que Paris, juntamente com Milão, Nova York e Londres, é considerada uma das quatro grandes capitais da moda, ditando tendências. As meninas no filme não falam e pouco sorriem. A sonoridade é toda na língua francesa.

Ao analisar o filme *Coleção Era uma vez...Outono/Inverno 2014 Gabriela Aquarela* em relação às três categorias do ritmo mencionadas anteriormente — duração, frequência e combinação — procurou-se compreender como o “efeito audiovisual” se constituiu. Nessa produção as estratégias de montagem utilizadas, ao interrelacionar imagens e sons,

14 Conforme assessoria, na área da música, de Luciano Garofalo Leite.

em relação à duração priorizaram a intensidade no vídeo, com maior número de cortes e menor duração dos planos, e no áudio foi explorada a extensidade, com andamentos mais lentos e extensos. Embora a trilha sonora apresente um discreto aumento de dinâmica, seu andamento, textura, tonalidade e desenvolvimento harmônico se mantem sempre os mesmos, conferindo um resultado sonoro bastante linear.

Quanto à frequência, no vídeo observou-se uma descontinuidade, com decomposição das cenas, sem uma sequencialidade; e no áudio pode-se constatar uma continuidade com maior regularidade. A música apresenta basicamente quatro acordes que se repetem de forma cíclica, conferindo um desencadeamento harmônico contínuo.

E em relação à combinação, tanto no vídeo como no áudio houve uma segmentação, no vídeo com maior fragmentação das ações em planos sucessivos; e no áudio com sons em sequência, sem muita variedade de elementos sonoros. Embora os quatro elementos básicos da música (voz, piano, cordas e violão) não se apresentem exatamente ao mesmo tempo, a textura da música é a mesma do início ao final do vídeo.

O efeito audiovisual provocado pela montagem mostra que na duração e na frequência há uma dissonância com contrastes visual e musical e que na combinação há uma consonância. No entanto, apesar dos efeitos dissonantes provocados, no vídeo, pela aceleração e fragmentação nas imagens e, no áudio, pela música mais lenta e com maior regularidade, há uma sensação de agradabilidade. Ainda, vídeo e áudio produzem um efeito de glamour com cenário figurativizando um castelo, ambientação clássica, uso de cores neutras no figurino e na decoração e trilha sonora com música francesa.

No Quadro 2, que segue, é apresentada uma síntese dessas categorias do ritmo no filme *Coleção Era uma vez... Outono/Inverno 2014 Gabriela Aquarela*.

Quadro 2 - Esquema sintético das relações entre as três categorias do ritmo em *Coleção Era uma vez... Outono/Inverno 2014* Gabriela Aquarela

CATEGORIAS do RITMO		VÍDEO	ÁUDIO	EFEITO AUDIOVISUAL
Duração	Intensidade	Maior o número de cortes e menor a duração dos planos, maior o efeito de “quebra”, interrupção e intervalidade		Dissonância
	Extensidade		Menor pulsação, intervalos maiores e em menor quantidade, andamentos mais lentos e extensos	
Frequência	Continuidade		Maior regularidade no andamento, na duração dos compassos. Associada às sensações de progressividade e expansão musical.	Dissonância
	Descontinuidade	Fragmentação de planos, não linearidade. Decomposição da cena, sem observância da sequencialidade. Interrupções deliberadas na representação e sucessão de imagens ou planos.		
Combinação	Segmentação	Quanto maior o apelo à sucessividade, maior a segmentação das ações em planos distintos, subsequentes e complementares. Estaticidade dos quadros por si só.	Sons em sequência orientados por pouca variedade de elementos sonoros. Planos sonoros hierarquizados.	Consonância

Fonte: elaboração da equipe de pesquisa.

Leituras dos Estudantes

Outro objetivo dessa pesquisa foi conhecer as significações que estudantes de um curso de formação de professores conferem a essa produção audiovisual. Para tal constituímos um Grupo Focal¹⁵ com estudantes de um curso de formação de professores de uma universidade pública, localizada na cidade de Porto Alegre (RS). Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa e o Grupo Focal foi constituído por 34 estudantes, 32 mulheres e 2 homens com idade entre 19 e 45 anos.

O filme publicitário *Coleção Era uma vez* foi apresentado aos estudantes e, após assisti-lo, vários quiseram comentar. Uma das estudantes referiu a postura de modelo das meninas no vídeo e o quanto este universo de glamour das modelos é idealizado pelas pessoas. Não são poses espontâneas, mas gestuais estudados de modo a conferir classe e requinte à coleção. Outros comentários ressaltaram o luxo da coleção, o foco nos detalhes das roupas, nos bordados, na ambientação mostrada no vídeo. Foi mencionada, também, a ideia de uma infância adultizada, de meninas com roupas e atitudes de mulheres adultas.

Os estudantes observaram que só havia meninas brancas, de cabelos lisos no vídeo. Nenhuma das meninas era negra. E a postura séria das meninas chamou muito a atenção do grupo. Surgiu, durante as conversas, a notícia de uma reportagem que divulgava um curso na cidade de Porto Alegre de Oficinas de desprincesamento. Os estudantes referiram que a ideia de tratar as meninas como princesas não as prepara para o mundo de hoje, para serem independentes.

Constatamos nessas leituras que os comentários foram mais em relação com à visualidade do que às questões sonoras. Apenas um dos estudantes mencionou a trilha sonora com música francesa, mas não trouxe indicações acerca do seu significado no vídeo. O que mais chamou a

15 Ver Ressel (2008).

atenção dos estudantes foi o conteúdo do filme, pouco referiram em relação às qualidades sensíveis do vídeo e do áudio para expressar o conteúdo.

Na descrição e análise das produções audiovisuais procuramos enfocar as estratégias de montagem quanto ao ritmo que articula as linguagens visual e sonora para produzir efeitos de sentido. As análises evidenciaram nessas produções imagens capturadas no mundo natural e construído, bem como aquelas criadas através da manipulação de suas formas, cores, formatos, sobreposições.

No vídeo pode-se observar uma aproximação maior a detalhes no modo de apresentação das imagens, pelo uso de recursos de aproximação (zoom in) e pelo afastamento (zoom out) para um plano mais aberto, uma visão mais ampla do ambiente. A nitidez ou falta de foco direcionou o olhar do espectador para um plano ou outro. A concepção de infância e de criança apresentada no filme provocou certo desconforto nos estudantes.

Em relação ao áudio, uma trilha sonora com música francesa perpassa todo o vídeo. As estratégias de montagem utilizadas, ao interrelacionar imagens e sons, priorizaram a fragmentação das imagens com uma regularidade sonora. Com isso, obteve-se uma espécie de “edição” de imagens, percebida pelo efeito de deslocamento produzido tanto pelos cortes e movimentos de câmera como pela paisagem sonora.

Na leitura do filme pelos estudantes, o que mais lhes chamou a atenção foram as imagens; o que elas mostravam e como mostravam. A trilha sonora foi pouco observada e problematizada quanto ao que agrega às imagens. Pode-se constatar em suas falas a ideia de construção de uma infância idealizada, com meninas pequenas vestidas como adultas e com poses bem estudadas. Ainda, quanto às relações entre o vídeo e o áudio, os estudantes se detiveram mais nas imagens e suas significações.

Considerações Finais

Essa pesquisa¹⁶ teve por objetivo contribuir com a construção de uma proposta de leitura audiovisual através da análise de uma produção da mídia e da realização da proposta de leitura com estudantes de um curso de formação de professores. Na análise do filme *Coleção Era uma vez...Outono/Inverno 2014 Gabriela Aquarela*, o foco esteve nos efeitos de sentido que as estratégias de montagem criam ao instaurar o discurso audiovisual.

A perspectiva analítica adotada filia-se aos estudos em arte e educação sobre leitura de produções audiovisuais, com base em Barbosa, Acaso e Efland, Freedman e Stuhr; à cultura visual, com os estudos de Freedman e Hernández ao enfocarem o enquadramento espacial e cultural que posiciona imagem e leitor; e à teoria semiótica discursiva, em especial aos estudos de Landowski, Fachine, Médola, Hernandez e Teixeira sobre a montagem em produções audiovisuais.

Os efeitos de sentido produzidos pelas estratégias de montagem, ao articular as linguagens visual e sonora, foram analisados com foco nos ritmos visual e sonoro quanto aos efeitos de consonância ou de dissonância. Ao enfocarmos o ritmo no vídeo e o ritmo no áudio, consideramos as categorias da duração (intensidade e extensidade), frequência (continuidade e descontinuidade) e combinação (acumulação e segmentação).

16 A pesquisa “Leituras da visualidade: análise de macro e micronarrativas audiovisuais em contextos educativos” (Bolsa PQ-2, processo 310965/2014-4) envolveu o mapeamento de produções audiovisuais criadas a partir do ano 2000 e exibidas na mídia televisiva e na Web. Os critérios utilizados para escolha das produções foram: (1) utilizar os sistemas visual e sonoro de modo diferenciado; (2) envolver temas contemporâneos de interesses dos estudantes universitários de um curso de formação de professores; (3) não ter tempo de duração muito longo. A partir do levantamento realizado, selecionamos quatro produções audiovisuais para análise – *Coleção Era uma vez... Outono/Inverno 2014 Gabriela Aquarela*; *Barquinhos* — Tatajuba, Ceará; *Ariel na Índia*; e *Anima2*.

No filme analisado constatamos que a duração no vídeo foi explorada prioritariamente do ponto de vista da intensidade e no áudio, como extensidade. No vídeo, as imagens possuem muitos cortes, a duração dos planos é menor e percebemos muitas 'quebras'. E no áudio, a pulsação tem intervalos maiores, com andamentos mais lentos. Quanto à frequência, há uma continuidade no vídeo e uma descontinuidade no áudio. No vídeo, pela fragmentação dos planos, pela não linearidade, com interrupções na sucessão das imagens. No áudio, há uma regularidade nos sons. Quanto à combinação, percebemos que há segmentação tanto no vídeo como no áudio. Isso pode ser constatado no vídeo na busca por uma sucessividade das imagens e na segmentação das ações em planos distintos. E no áudio, a segmentação pode ser observada na pouca variedade de elementos sonoros. Foi possível evidenciar, então, que nessa produção, as articulações entre imagens e sons criam efeitos prioritariamente de dissonância, embora o efeito audiovisual provoque agradabilidade.

As significações do grupo de estudantes, de um curso de formação de professores de uma universidade pública, evidenciaram um foco maior no conteúdo do filme do que em suas qualidades sensíveis. O áudio foi apontado por apenas um estudante, os demais se detiveram nas imagens e nas significações relativas à concepção de infância e de criança apresentada. As leituras que os estudantes fizeram dessa produção mostram a pertinência e a relevância de analisar criações audiovisuais em contextos educativos, de modo a instigar os estudantes a refletirem sobre o que estão vendo e ouvindo, bem como sobre o efeito audiovisual construído pela montagem.

Portanto, com os resultados dessa investigação espera-se contribuir para a leitura de audiovisuais em contextos educativos possibilitando aos educadores, em geral, e aos professores de arte, em especial, abordar criações audiovisuais e construir estratégias para leitura dessas criações,

seja através da análise dos modos de articulação das linguagens para produzir efeitos de sentido; seja no entendimento de como os estudantes apreendem tais produções.

REFERÊNCIAS

ACASO, María. **El lenguaje visual**. Barcelona: Paidós, 2009a.

ACASO, María. **La educación artística no son manualidades**. Madrid: Catarata, 2009b.

ACASO, María. **Esto no son las Torres Gemelas: cómo aprehender a leer la televisión y otras imágenes**. Madrid: Catarata, 2006.

BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda Pereira da. **Abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian. (orgs.). **Interterritorialidade: mídias, contextos e educação**. São Paulo: SENAC/SP; SESCSP, 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CHION, Michel. **La audiovisión**. Barcelona: Paidós, 1993.

EFLAND, Arthur D.; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. **La educación en el arte posmoderno**. Barcelona: Paidós, 2003.

FECHINE, Yvana. Contribuições para uma semiotização da montagem. In: OLIVEIRA, A. C. de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). **Linguagens na comunicação: desenvolvimento de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 323-370.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. **Proposições**, v. 18, n. 2, p. 77-87, maio/ago. 2007.

FREEDMAN, Kerry. **Enseñar cultura visual**. Barcelona: Octaedro, 2006.

HERNANDES, Nilton. Duelo: a publicidade da tartaruga da Brahma na Copa do Mundo. In: LOPES, Ivan C.; HERNANDES, Nilton. (orgs). **Semiótica: objetos e práticas**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 227-244.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HERNÁNDEZ, Fernando. De qué hablamos cuando hablamos de Cultura Visual? **Educación & Realidade**, Porto Alegre, v. 30, n. 2, p. 9-34, jul/dez 2005.

LANDOWSKI, Eric. **Interacciones arriesgadas**. Lima: Fondo Editorial de la Universidad de Lima, 2009.

MÉDOLA, Ana Silvia D. A abordagem do sincretismo em televisão: em busca de caminhos para análise. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; LANDOWSKI, Eric. (orgs.) **Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas**. São Paulo: Editora CPS, 2003. p. 483-492.

MÉDOLA, Ana Silvia D. Sincretismo de linguagens e configuração de gêneros televisuais. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (org.). **Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociosemióticas**. São Paulo: Editora CPS, 2002. p.377-386.

MÉDOLA, Ana Silvia D. A articulação entre linguagens: a problemática do sincretismo na televisão. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CAMARGO, I.

Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociossemióticas. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2000. p. 201-209.

MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.

PILLAR, Analice Dutra; CAMPOS, Juliano de. Narrativas audiovisuais na educação: a videoarte Anima2 e seus sentidos. **PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 21, p. 168-190, 2021. DOI: 10.35699/2237-5864.2021.21347. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/21347>. Acesso em: 9 jan. 2024.

PILLAR, Analice Dutra; REGINATO, Tanise. Leituras de Micronarrativas Audiovisuais em Contextos Educativos: Barquinhos de Tatajuba. In: RAMALHO, Sandra; SCOZ, Murilo; SANTOS, Célio Teodorico dos. (Org.). **Ressonâncias Semióticas**. 1ed. Florianópolis: UDESC, 2019, v. 1, p. 47-63. Disponível em: <https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000080/000080ea.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2024.

PILLAR, Analice Dutra; REGINATO, Tanise. Leituras de micronarrativas audiovisuais em contextos educativos: Barquinhos de Tatajuba. In: **Anais do 27º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 2018, São Paulo. Anais do 27º Encontro da ANPAP**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, 2018. p. 3708-3722.

PILLAR, Analice Dutra. Readings of the contemporary in art education: Simultaneity and ambivalence in video art. **International Journal of Education through Art**, Londres, v.13, n.2, p. 235-247, maio / ago. 2017. http://dx.doi.org/10.1386/eta.13.2.235_1

PILLAR, Analice Dutra. Lectura de producciones audiovisuales del arte contemporáneo en la educación artística, **Revista Complutense de Educación**, Madrid, (Online), v. 25 n. 2, p.337-353, 2014.

PILLAR, Analice Dutra. Visualidade contemporânea e educação: interação de linguagens e leitura. **Contrapontos** (Online), Itajaí, v. 13, p. 178-185, 2013.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra R. Luz na escuridão: da leitura à apreensão de sentidos. **Revista GEARTE**, v. 5, n. 1, p. 100-116, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.22456/2357-9854.80943>. Acesso em: 20 jul. 2023.

RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra Regina de. **Imagem também se lê**. São Paulo: Rosari, 2005.

RESSEL, Lúcia B. et.al. O uso do Grupo Focal em Pesquisa Qualitativa. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 779-86. <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/21.pdf> .Acesso em: 12 set. 2023.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v.20, n. 2, p. 71-99, jun./dez. 1995.

SCÓZ, Murilo; RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra R. Questões acerca do ritmo visual. In: FREITAS, Neli K.; RAMALHO E OLIVEIRA, Sandra. (Org.). **Variantes na Visualidade**. 1ed.Florianópolis: UDESC, 2010, v. 1, p. 77-87.

TEIXEIRA, Lucia. Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia. (orgs.) **Linguagens na comunicação: desenvolvimentos de semiótica sincrética**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p.41-77.

TEIXEIRA, Lucia. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. **Gragoatá - Revista do Instituto de Letras da UFF**, Niterói, v. 16, p. 209-227, 2004. <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33349/19336>. Acesso em: 10 out. 2023.

Data de submissão: 20/10/2023

Data de aceite: 18/12/2023

Data de publicação: 03/03/2024